



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

TAIS SIQUEIRA DO NASCIMENTO

**O USO DO PRONOME ME EM CARTAS CAMPESINAS DO SERTÃO DO
PAJEÚ EM MEADOS DO SÉCULO XX (1956 A 1977)**

SERRA TALHADA – PE
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

TAIS SIQUEIRA DO NASCIMENTO

**O USO DO PRONOME ME EM CARTAS CAMPESINAS DO SERTÃO DO
PAJEÚ EM MEADOS DO SÉCULO XX (1956 A 1977)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para conclusão do curso e obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dorothy Bezerra Silva de Brito.

SERRA TALHADA – PE
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N244u Nascimento, Tais Siqueira do
O USO DO PRÔNOME ME EM CARTAS CAMPESINAS DO SERTÃO DO PAJEÚ EM MEADOS DO SÉCULO
XX (1956 A 1977) / Tais Siqueira do Nascimento. - 2019.
35 f.

Orientadora: Dorothy Bezerra Silva de Brito.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Letras,
Serra Talhada, 2020.

1. pronomes. 2. cartas pessoais . 3. dativo . 4. clítico. I. Brito, Dorothy Bezerra Silva de, orient. II. Título

CDD 410

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho de conclusão de curso às seguintes pessoas:

A minha família, minha mãe Rosanha, meu pai João, minhas irmãs Simara e Bárbara, minhas avós Bárbara e Cleuza, meus avôs Antônio e Francisco, e demais membros da minha família que acreditam e fazem parte dos meus sonhos.

Aos meus amigos Wesley, Laíse, Ana, Natália, Alice, Higor, Bruno, Rafaela e Cyl. Em especial ao Wesley, por ser tão incrível como profissional e ser humano, um irmão de escolha.

Ao Programa de Educação Tutorial (PET), por ter me proporcionado oportunidades maravilhosas de experiência como pessoa e profissional na tríade ensino, pesquisa e extensão, transcendendo os muros da Universidade. Em especial, aos petianos, Adriana, Marília, Higor, Rodrigo, Eduardo, Veronica, Lucas, Denilton, Derick, Thiago, Simone e Adeilson, como tutor, professor e exemplo de ser humano.

A minha orientadora Dorothy, por todo o seu zelo com o nosso trabalho, pelas horas dedicadas e, principalmente, por suas orientações e por nunca ter desistido de mim, inclusive me ajudando com o processo de seleção do mestrado. Dorothy é uma força da natureza, um exemplo de ser humano e profissional.

Ao Partido dos Trabalhadores (PT), que investiu nas Universidades públicas e de qualidade. À UAST, minha universidade, o ambiente em que tive oportunidades únicas de me formar com qualidade, com o auxílio de profissionais exímios, como os professores e o pessoal que trabalha no transporte e na limpeza, que cuidam tão bem da nossa unidade e do bem-estar dos estudantes.

Por fim, gostaria de agradecer imensamente a todos aqueles que fizeram parte da minha graduação e que de forma direta ou indireta contribuíram para que eu pudesse realizar esse sonho. São muitos os nomes, mesmo não sendo mencionados, sintam-se todos abraçados, pois têm a minha eterna gratidão.

Ela acreditava em anjos e, porque acreditava, eles existiam.

(A Hora da Estrela, da escritora Clarice Lispector)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tipos de dativo (tipos de pronome <i>me</i>).....	(17)
Quadro 2: Verbos mais representativos dos dativos de interesse, posse e ético.....	(17)
Quadro 3: Fator FUNÇÃO.....	(18)
Quadro 4: Resultados da pesquisa.....	(27)
Quadro 5: Verbos mais representativos do acusativo, dativo de interesse e outras categorias.....	(27)
Quadro 6: Colocação pronominal.....	(29)

RESUMO

Neste trabalho analisamos 120 cartas pessoais trocadas por missivistas pernambucanos, de 1956 a 1977, sendo estes dois casais, um casal em que ambos nasceram e viveram/vivem na zona rural do município de Triunfo–Pernambuco, e o outro casal em que ambos também viveram na cidade supracitada, porém o missivista masculino foi naturalizado no município de Floresta. Os manuscritos que compõem o corpus deste trabalho pertencem ao arquivo do Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc) que é coordenado pelo Prof. Dr. Cleber Ataíde. Temos por objetivo identificar e classificar as ocorrências do pronome clítico *me* em posição anteposta ou posposta ao verbo, na composição das escritas epistolares, especificamente, no subgênero carta de amor. Os dados coletados nas missivas campestres foram classificados em grupos de fatores e categorias gramaticais (acusativo, dativos de interesse, posse, ético entre outros). Além disso, pretendemos refletir sobre a importância desse conteúdo para os estudos linguísticos, com a descrição do português do Brasil, mais especificamente, do uso e da colocação do clítico *me* nesta língua. Para tal análise, partimos das discussões propostas por Paviani (2004) e Martins (2012) a respeito da categorização e colocação do clítico *me*. Como resultado, obtivemos 246 ocorrências, das quais 151 são proclíticas e 95 enclíticas. Dessa maneira, com maior recorrência encontramos o *me* em posição anterior ao verbo, com função acusativa, em seguida, com maior recorrência o objeto de estudo foi classificado como exercendo outras funções, mas também em posição anterior ao verbo, o que corrobora com os estudos de Martins (2012) em relação à ordenação dos clíticos, majoritariamente em posição proclítica, bem como, com a colocação de Paviani (2004) em relação à afirmativa de que a próclise é uma tendência do português padrão. Além disso, constatamos a maior recorrência do *me* com função acusativa, em oposição a nossa hipótese inicial de que encontraríamos ocorrências do *me* como um dativo enfático da região do Sertão do Pajeú.

Palavras-chave: Pronome; cartas pessoais; dativo; clítico.

ABSTRACT

In this paper we analyzed 120 personal letters exchanged by Pernambuco letter writers, from 1956 to 1977, which were exchanged between two couples, a couple who was born and lived in the rural area of Triunfo - Pernambuco and the other couple who also lived in the same city. However, the male writer was naturalized in Floresta's city. The manuscripts that make up the corpus of this work belong to the archive of Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc) which is coordinated by Dr. Cleber Ataíde. We aim to identify the clitic pronoun *me* in a postponed or postponed position in the composition of epistolary writings, specifically in the subgenre love letter. The data collected in the peasant missives were classified into groups of factors and grammatical categories (accusative, datives of interest, possession, ethical, among others). Moreover, we intend to reflect on the importance of this content for linguistic studies, with the description of Brazilian Portuguese, more specifically, the use and placement of the clitic *me* in this language. For such analysis, we will start from the discussions proposed by Paviani (2004) and Martins (2012), about the categorization and placement of the clitic *me*. In our results, we found 246 occurrences, of which 151 are proclitic and 95 enclitic. Thus, with greater recurrence we find the *me* in a position before the verb, classified in the accusative case, then, with greater recurrence, the object of study was classified in other categories, but also in a position before the verb, which corroborates with the studies of Martins (2012) about the ordering of clitics, mostly in a proclitic position, as well as, with the placement of Paviani (2004) in relation to the statement that the proclisis is a tendency of standard Portuguese. In addition, the greater recurrence of the accusative case is opposed to our initial hypothesis to realize *me* as an emphatic dative of the Sertão do Pajeú region.

Keywords: Pronoun; Personal Letters; Dative; Clitic

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
SEÇÃO I.....	10
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
1.1. ASINTAXE DE COLOCAÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	10
1.2. CATEGORIZAÇÃO DO PRONOME ME	13
SEÇÃO II.....	19
2. METODOLOGIA	19
2.1. O CORPUS	19
2.2. O LOCAL	20
2.3. OS MISSIVISTAS	21
2.4. VALIDAÇÃO DO CORPUS.....	23
SEÇÃO III.....	25
3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	25
3.1. COMO SE MANIFESTA O CASO DATIVO NO CORPUS?	25
3.2. POSIÇÃO DE ACUSATIVO	26
3.3. COLOCAÇÃO PRONOMINAL NO CORPUS	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

Os pronomes são, tradicionalmente, considerados palavras utilizadas para substituir nomes, em consonância com definições encontradas em gramáticas normativas (BECHARA, 2009, p. 35; CEGALLA, 2008, p. 180) do português brasileiro (doravante PB). Especificamente, o pronome *me*, segundo Cegalla (2008, p. 180), pertence ao quadro dos pronomes pessoais na categoria de pronome oblíquo e, quanto à sua acentuação, é classificado como átono.

Essa definição, porém, pode ser considerada problemática, pois, de acordo com Paviani (2004), por meio de muitas observações relacionadas ao fato de línguas românicas diferenciarem pronomes átonos e tônicos, é relevante salientar que, no português, bem como no romeno, o átono, elemento que se apoia em outra palavra como clítico, pode adquirir tonicidade, como no exemplo “*Me dá um cigarro*” (exemplo nosso).

Além disso, também em relação à definição dos pronomes, conforme Carvalho e Brito (2018), os linguistas têm considerado os conceitos preestabelecidos insatisfatórios, tendo em mente que os pronomes pessoais não representam nomes propriamente, mas sintagmas nominais completos, ao passo que os pronomes interrogativos e demonstrativos podem representar adjetivos, advérbios e até mesmo verbos. Desta forma, essa definição para os pronomes mostra-se insuficiente diante da complexidade de funções apresentadas pelas formas pronominais.

Citando a pesquisa de Ribeiro (2008), trabalho baseado em dados de informantes afrodescendentes do PB rural falado no estado da Bahia, Carvalho (2008, p. 19) apresenta em sua tese alguns dados dessa pesquisa que comprovam a afirmativa sobre a complexidade da colocação pronominal, como pode ser observado nesse dado “*Minha mãe (me) mandou (eu) para a escola*”, exemplo que corrobora com a asserção de que a forma não determina que posição o pronome pode ocupar na sentença.

Tendo isso em vista, Carvalho e Brito (2018) afirmam que uma das características que tornam os pronomes uma categoria singular é a contribuição proporcionada por esses elementos na compreensão da construção de sentenças. Como também, de maneira geral, em conformidade com os autores, a ligação entre um pronome e seu referente pode ser estabelecida por meios morfossemânticos, morfossintáticos, sintáticos e discursivo-pragmáticos. Além disso, os pronomes fazem parte de um paradigma no qual, de acordo com a gramática normativa, as posições que

eles podem ocupar numa sentença são determinadas pela constituição de traços morfológicos e esses traços podem apresentar particularidades conceituais.

Uma pesquisa que trabalha especificamente com a colocação e o uso do pronome *me* é a da autora Paviani (2004), cujo estudo analisa fatores linguísticos e extralinguísticos em dados coletados em uma região colonizada por imigrantes italianos, no Nordeste do Rio Grande do Sul, mais precisamente na localidade de Nova Roma, distrito do Município de Flores da Cunha. Como resultado dessa pesquisa, a autora identifica o pronome *me* enfático como característico do português falado em região colonizada por italianos, o que possui como consequência o seu uso generalizado e muito frequente, inicialmente entre os bilíngues, mas posteriormente na fala do monolíngue, como se fosse algo pertencente ao sistema linguístico do português.

Vale ressaltar, também, que não há estudos sobre esse fenômeno no português escrito em cartas pessoais no Sertão do Pajeú. Desse modo, é válido discutirmos quais são as propriedades linguísticas (sintático-semânticas) e discursivas que permeiam a colocação e as funções assumidas pelo pronome *me* nessa região, partindo da hipótese de que há a possibilidade de se obter dados que apresentem uma característica dialetal da região.

Temos como objetivo geral observar o comportamento do clítico *me* em missivas da zona rural do interior pernambucano, especificamente do período de 1956 a 1977, na região de Triunfo, que foram trocadas entre dois casais que viveram nesta região. Com esse intuito, selecionamos as ocorrências do pronome *me* no corpus e, a partir disso, classificamos as ocorrências desta forma pronominal segundo as definições de Paviani (2004), em quatro categorias gramaticais: dativo de interesse, dativo de posse, dativo ético e outros. Adicionamos à classificação as ocorrências de *me* com função acusativa, descrevendo e observando se há alguma relação entre a colocação do clítico *me* e a categorização do verbo.

Dessa maneira, como aporte teórico e metodológico, adotamos como orientações as categorizações gramaticais e levantamentos sobre a classificação e posição do pronome *me* apontados por Paviani (2004), bem como Martins (2012), no que tange à colocação dos pronomes clíticos na escrita brasileira durante o curso dos séculos.

Assim, visando proporcionar uma maior clareza para a leitura desse trabalho, ele é composto da seguinte maneira: **Introdução**, na qual apresentamos um panorama do que será desenvolvido no nosso trabalho; **Seção I**, que apresenta a fundamentação teórica do nosso trabalho, englobando os estudos de Paviani (2004) a respeito do objeto

de estudo, o pronome *me*, e Martins (2012), no tocante à colocação pronominal dos clíticos.

Em seguida, na **Seção II**, temos a descrição da metodologia do trabalho, abarcando detalhes sobre *corpus*, missivistas, local de produção das cartas e validação do *corpus*, por possuir escrita delegada. Posteriormente, na **Seção III**, é apresentada a descrição e análise dos dados, discorrendo sobre como o objeto de estudo se manifesta no *corpus*, a função do caso acusativo e as posições anteposta e posposta ao verbo.

Por fim, tecemos **Considerações finais** a respeito de todos os levantamentos que foram feitos e os resultados da pesquisa, interligados à hipótese inicial do trabalho, construída por meio dos dados apresentados por Paviani (2004).

SEÇÃO I

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa seção, utilizaremos Martins (2012), em suas formulações teóricas a respeito dos fenômenos de ênclise e próclise nas gramáticas do português que, por meio de análises de padrões empíricos de colocação dos clíticos, apresentam a sintaxe de ordenação do pronome, bem como algumas colocações da autora Paviani (2004) a respeito do que dizem os gramáticos da língua portuguesa sobre a próclise como uma tendência do PB.

Os pressupostos e categorizações defendidas por Paviani (2004) serão utilizados na classificação dos dados para análise do problema linguístico selecionado e estudo da função específica atribuída ao pronome *me* nas construções encontradas. As seguintes categorias serão alçadas: acusativo, dativos de interesse, posse, ético entre outras classificações.

1.1. ASINTAXE DE COLOCAÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Martins (2012) traz estudos teóricos com resultados diacrônicos e quantitativos que buscam descrever a sintaxe de colocação dos pronomes clíticos do Português Brasileiro no decorrer dos séculos. Na pesquisa do autor, são usadas amostras para análise do fenômeno estudado, que foram extraídas de textos escritos por brasileiros nascidos no estado de Santa Catarina, no sul do Brasil, nos séculos 19 e 20.

O autor alça que muitos estudos diacrônicos a respeito da sintaxe de ordenação dos clíticos em português foram desenvolvidos e encontraram resultados significativos (PAGOTTO, 1992, 1993, 1998; LOBO, 1992; A. M. MARTINS, 1994; TORRES MORAIS, 1995; CYRINO, 1997; GALVES, 2001; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GALVES; TORRES MORAIS; RIBEIRO, 2005; GALVES; BRITTO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005, CARNEIRO, 2005, M. A. MARTINS, 2009).¹ Por meio dessas pesquisas, diferentes padrões empíricos foram encontrados e refletem mudanças sintáticas na ordenação dos críticos em diversas gramáticas do português no curso dos séculos, partindo do pressuposto de que a mudança linguística, segundo Weinreich,

¹ Essas referências foram citadas no estudo de Martins (2012), por isso não constam nas referências desse trabalho.

Labov e Herzog (2006), está interligada à mudança gramatical em duas variedades contemporâneas do português: o Português Europeu, doravante PE, e o PB.

Martins (2012) constata em sua pesquisa alguns fatos interessantes sobre a colocação dos clíticos e afirma que os padrões empíricos de ordenação dos clíticos refletem um período de mudança sintática que pode ser interpretado como a competição entre três gramáticas do português: PC (Português Clássico), PB e PE. Além disso, constata de forma geral que na diacronia do português, em orações finitas não dependentes com verbos simples, os contextos categórico-majoritários são de próclise ou ênclise e contextos de variação próclise/ênclise. Ressaltando que Martins (2012) faz o seguinte levantamento sobre esses três contextos, a partir da sua pesquisa:

(i) A próclise é o padrão em orações com operadores de negação predicativa; em orações iniciadas por quantificadores, por certos advérbios ou por constituintes que estão focalizados de forma expressa. A próclise nesses contextos é o padrão de ordenação em textos escritos em toda a história do português, mais precisamente entre os séculos 13 e 20. Salientando que, ao se referir à próclise como padrão de ordenação nesses ambientes, não é descartada a possibilidade de que ocorrências com ênclise sejam atestadas, levando em consideração que há registros na literatura de casos de ênclise. Porém, esses casos são isolados e não marcam ou delimitam o padrão em um número significativo de escritos em uma determinada época, dessa forma, não podem caracterizar uma gramática específica do português.

(ii) A ênclise é o padrão em casos nos quais o verbo ocupa, precisamente, a primeira posição absoluta da estrutura da oração, em textos dos séculos 13 a 19 e em textos portugueses do século 20. A próclise nesse contexto é atestada na diacronia do português. Somente em textos brasileiros dos séculos 19 e 20 a próclise é atestada, seguramente, o que posiciona a próclise como uma característica inovadora da gramática do PB.

(iii) Há variação próclise/ênclise isso acontece em orações finitas não dependentes, ou seja, neutras, precisamente, em orações finitas por sujeitos não focalizados, advérbios não modais e sintagmas preposicionais. A variação nos padrões de ordenação do clítico nesses contextos é objeto de estudo de muitas pesquisas, em textos dos séculos 13 a 20, investigações que estudam os diversos estágios gramaticais do português no curso dos

séculos. Em textos dos séculos 13 a 16, na gramática do PA (Português Antigo), a ênclise é recorrente e um aumento progressivo da próclise é registrado; em textos dos séculos 16 e 18, na gramática do PC, a próclise é majoritária; em textos portugueses dos séculos 18 e 19, há variação próclise/ênclise, com aumento progressivo de ênclise em PE; em textos brasileiros, durante os séculos 18 a 20 há variação próclise/ênclise, com aumento progressivo da próclise: em PB, a próclise é o padrão de ordenação nesses e demais contextos, embora a ênclise seja bastante recorrente em textos escritos, por influência do padrão enclítico do PE.

Em suma, tendo como base seus estudos diacrônicos do português na escrita de brasileiros nascidos nos séculos 19 e 20, Martins (2012) encontra de um lado, no que tange aos contextos de próclise categórico-majoritária, alçados no ponto (i) acima, predominantemente, próclise. Por outro lado, o autor não encontra ênclise categórica, como a descrita no ponto (ii), já que há um aumento progressivo de próclise nos textos brasileiros analisados. A respeito da variação próclise/ênclise, o autor alça que há resultados interessantes, que apresentam um aumento significativo das taxas de próclise.

Vale salientar, que a autora Paviani (2004) também alça informações sobre a colocação dos clíticos, porém, de modo específico, em relação ao pronome *me*, levantando a afirmativa de que o estudo realizado pela autora mostra o uso maciço da próclise, o que corrobora com o que dizem os gramáticos da língua portuguesa sobre a próclise como uma tendência do PB:

Sail Ali (1966), por exemplo, fala-nos da tendência da colocação no Brasil. Mattoso Câmara Jr. (1968), por sua vez, comenta que a próclise, por uma questão fonética, “dá mais relevo ao pronome [...]”. Em se tratando da oralidade da língua, os casos de próclise vão além dos prescritos pela norma geral do idioma. Parece-nos que é isso o que realmente acontece com o pronome **me** proclítico. As posições desses autores são reforçadas por José L. Monteiro (1988), que diz ser “nítida entre nós a tendência para o emprego proclítico dos pronomes átonos [...]”. O uso da próclise, como uma regra geral, fica, pois, por nós registrado, embora não seja isso o tema de nosso estudo. (PAVIANI, 2004. p. 75)

Dessa maneira, ambos os autores apontados, alçam de acordo com dados de suas pesquisas, informações de gramáticos e estudos sobre a colocação pronominal, questões relevantes sobre a predileção e tendência do uso da próclise, que vem progredindo nos séculos 19 e 20.

1.2. CATEGORIZAÇÃO DO PRONOME ME

Para categorização do pronome *me* nas cartas pessoais trocadas por missivistas não ilustres do Sertão do Pajeú, utilizamos como aporte teórico o texto “O pronome ético: uma característica dialetal”, da autora Paviani (2004). Para tanto, se faz necessário discorrer sobre os seguintes pontos alçados na pesquisa da autora: revisão histórica do pronome *me* nas gramáticas das línguas italiana e portuguesa, os múltiplos usos do pronome *me* e considerações sobre o uso do pronome investigado em uma região colonizada por italianos.

Na obra, temos a apresentação de uma pesquisa sobre o uso do pronome *me* em Língua Portuguesa, investigação realizada em uma região colonizada por imigrantes italianos no Nordeste do Rio Grande do Sul, mais especificamente, em Nova Roma, Município de Flores da Cunha. Ademais, são feitas análises do uso do pronome *me* em gramáticas das línguas grega, latina, portuguesa e italiana.

A análise linguística e sociolinguística dos dados obtidos por oitiva é feita por meio de uma classificação de grupos de fatores e categorias gramaticais, a saber: dativo ético, de interesse, de posse entre outros. Vale salientar, que essa classificação é feita partindo da hipótese de que a caracterização de classes de dativo permitirá observar melhor as dinâmicas de uso dessa forma particular.

Nosso estudo, com a hipótese de encontrar um fenômeno característico da região do Sertão do Pajeú, faz uso dessa categorização investigada por Paviani (2004). Assim, partimos das definições pragmáticas para classificar a colocação do *me* em categorias gramaticais: dativo de interesse, dativo de posse, dativo ético, acusativo e outros, categorias que são definidas da seguinte forma:

• **Dativo de interesse:** apresenta sujeito e objeto como sendo não-co-referenciais, indica o envolvimento do sujeito na ação expressa pelo verbo, admite o movimento do objeto para a esquerda sem prejuízo do conteúdo emocional e pode ser substituído por *mim*, *para mim* e *de mim*.

(1) Não *me* faça isso, menino.

(2) Você *me* troca uma nota de cinco mil?

• **Dativo de posse:** apresenta o objeto explícito, com partes do corpo ou objetos de uso particular, de posse inalienável, função temática, possuidor e benefactivo, permite o deslocamento do objeto para a esquerda.

(3) Ele *me* critica os penteado.

(4) Os cabelos, *me* lavo todos os dias.

• **Dativo ético:** exprime envolvimento emocional do falante, indica referência à ação em si com o sentido de moralidade, permite o deslocamento do objeto para a esquerda e é comutável com zero (Ø).

(5) Meu filho não *me* come feijão.

(6) Ele *me* foi embora.

• **Acusativo:** exprime a função de objeto direto de um verbo transitivo direto.

(7) Tua simpatia *me* domina.

(8) Levou-*me* a escrever esta.

• **Outros:** quaisquer classificações que não se encaixem nas mencionadas anteriormente, como o pronome *me* com uma função reflexiva.

(9) Atenciosamente despeço-*me* com muitas saudades.

(10) “[...] Deus resolverá e eu *me* | casarei contigo.

Partindo dessas categorias, os dados são analisados e discutidos por meio da análise estatística, segundo o modelo de Labov. Os resultados evidenciam que o pronome *me* enfático é uma característica dialetal do português falado em região de colonização italiana e está associado ao bilinguismo e variação linguística.

Do ponto de vista quantitativo, a autora encontra o dativo ético e de interesse, assim como o de posse, com uma presença de destaque nos dados da sua pesquisa, como mostra o quadro apresentado pela autora em relação aos tipos de dativos encontrados em sua pesquisa:

Quadro 1: Tipos de dativo (tipos de pronome *me*)

Grupo	Frequência	Porcentagem
Ético (e)	$\frac{93}{96}$	98%
Interesse (i)	$\frac{42}{46}$	91%
Posse (p)	$\frac{39}{47}$	83%
Ambíguo (a)	$\frac{6}{6}$	100%
Outros (c)	$\frac{0}{162}$	0%
Total	$\frac{180}{150}$	50%

Fonte: Paviani (2004, p. 57)

Outra informação interessante alçada por Paviani (2004), diz respeito à incidência de alguns verbos no corpus, cuja presença favorece o uso do pronome enfático. Assim, a autora apresenta o seguinte quadro com os verbos mais significativos em relação ao dativo de interesse, dativo de posse, dativo ético, tendo como base a quantidade de frases correspondentes a cada caso:

Quadro 2: Verbos mais representativos dos dativos de interesse, posse e ético

Dativo de interesse	Dativo de posse	Dativo ético
Comprar: 18 vezes	Fazer: 4 vezes	Fazer: 12 vezes
Buscar: 3 vezes	Costurar: 4 vezes	Comer: 7 vezes
Trazer: 3 vezes	Passar: 4 vezes	Sair, chegar: 2 vezes
Sobre: 42 frases	37 frases	52 frases

Fonte: Paviani (2004, p. 74)

Além disso, na análise estatística dos dados, a autora constata, em relação ao tipo de verbo, que o pronome enfático é mais empregado com verbos intransitivos que com transitivos, sendo esperado o contrário, já que, na sintaxe do português padrão a função natural do dativo provém de ser objeto dos verbos transitivos. Os seguintes dados são levantados a respeito da predicação verbal:

Quadro 3: Fator FUNÇÃO

Grupo	Frequência	Porcentagem
Intransitivo (y)	$\frac{40}{65}$	62%
Transitivo(z)	$\frac{138}{287}$	48%
Ligação (I)	$\frac{2}{5}$	40%
Total	$\frac{180}{357}$	50%

Fonte: Paviani (2004, p. 59)

Como pode ser observado, a partir dos resultados exibidos no quadro, os tipos de verbos classificados são intransitivos, transitivos e de ligação. O clítico *me* de uso enfático é mais empregado com os verbos intransitivos (62%) do que com os transitivos (48%), o que não corresponde às expectativas, visto que a função básica do *me* no português padrão é objeto direto ou indireto. Alguns exemplos desses dados foram alçados pela autora:

- (11) O mais velho, esse não *me* reza muito.
- (12) Os guris *me* dormiram até tarde.
- (13) Ele sempre *me* deita tarde.
- (14) Ela já tem três anos e ela não *me* fala ainda.

Utilizando como exemplo essas frases apresentadas, a autora exemplifica o uso do clítico *me* como enfático, nesses casos, assim, não possuindo função sintática e fazendo parte dos casos do dativo ético. Tendo isso em vista, a autora afirma que a partir da combinação dativo ético e verbo intransitivo, pode-se alçar possivelmente uma justificativa para o elevado índice de frequência do uso do clítico *me* com esse tipo de verbo, já que, o *me* enfático, por não ter função sintática e ser comutável com zero (\emptyset), pode ser usado indiscriminadamente, sem comprometimento com a sintaxe.

Além disso, vale salientar que, ao levantar essas informações, a autora trabalha o caso dativo e o pronome *me* por meio de uma tentativa de revisão histórica e, em um segundo momento, analisa os múltiplos usos do pronome *me*, através da delimitação de campo, metodologia, definição das variáveis e resultado das análises estatísticas. Em

seguida, investiga a dimensão ética do pronome *me* em agrupamentos de exemplos, tipos de dativo, tipos de verbo, topicalização, deslocamento, aspectos sociolinguísticos, línguas em contato, bilinguismo e variação linguística. Por fim, observa o pronome *me* no dialeto italiano como uma herança cultural, investigada por meio de exemplos da literatura dialetal.

A respeito da revisão histórica do pronome *me* nas gramáticas das línguas italiana e portuguesa, Paviani (2004) não traz um estudo exaustivo sobre o pronome, mas apresenta conceitos e discussões que levam à construção das funções e colocações desempenhadas pelo pronome *me* consoante gramáticas. Partindo do pressuposto de que o pronome *me*, embora possa ter a função de objeto direto, está predominantemente ligado à função de objeto indireto, correspondendo ao caso dativo da língua latina e grega. Porém, a autora também reforça em seus levantamentos a problemática em relação a essas duas categorizações, como objeto direto e indireto, já que o pronome *me* também pode exercer uma função reflexiva.

Por outro lado, os estudos das gramáticas da língua portuguesa que se referem ao português do Brasil sempre mostram curiosas observações sobre o uso pronominal. Geralmente, a forma *me* é vista na perspectiva da sintaxe, como objeto direto ou indireto. As gramáticas o definem como pronome átono da primeira pessoa do singular, que serve de complemento do verbo. Nunca deixam de ressaltar a sua função reflexiva: “Eu *me* esqueci”. (PAVIANI, 2004. p. 34.)

Para, além disso, nesse trabalho, a autora observa o pronome *me* por meio de noções pragmáticas categóricas, exibindo dados que apresentam o pronome como dativo de interesse “O frango, *me* corta pela metade.”, dativo de posse “Ele *me* critica os penteados.” e dativo ético “O feijão ele não *me* come.” Em particular, essa última categorização, é um dado importante apresentado na pesquisa, pois evidencia uma característica dialetal da região, o pronome ético *me*, com suas diversas singularidades, como não possuir função sintática e vir comumente acompanhando um verbo intransitivo, o que é justificável, pois esse tipo de verbo não exige complemento.

Outros dados interessantes apresentados por Paviani (2004, p. 95) apontam que o pronome *me*, além da sua função enfática, como objeto indireto, pode apresentar outras colocações, como objeto direto pedido pelo verbo “Ele *me* ajuda muito na cozinha” e “Como minha mãe *m’* insinou”, bem como, adjunto adnominal, comumente com valor de pronome possessivo “Eu *me* lavo as roupas [...]” (= eu lavo minhas roupas [...]).”

Ademais, nas considerações finais, a autora faz uma recapitulação de tudo que foi dito anteriormente, principalmente, a constatação de que o uso do pronome *me* enfático na região investigada é fruto da influência do dialeto italiano, assim como, retoma a importância e justificativa de sua pesquisa, alçando que possivelmente o estudo realizado poderá chamar a atenção de estudiosos e trazer algumas contribuições para o ensino de língua portuguesa naquela região.

Em suma, a obra analisada apresenta dados interessantes sobre o uso do pronome *me* em uma região colonizada por italianos, constatando a presença do pronome ético *me* como uma característica dialetal, bem como instiga a hipótese de que o pronome investigado pode vir a apresentar alguma característica dialetal da região do Sertão do Pajeú.

SEÇÃO II

2. METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos, sucintamente, os procedimentos metodológicos realizados com o nosso corpus de pesquisa, descrevendo o corpus de análise e, em seguida, traçamos o perfil sociolinguístico do local de origem dos escritos e dos seus autores, a partir do material cedido por Ataíde e Lima (2016), com informações sobre a missivista feminina 1, o missivista masculino 1 e missivista redator 3, em relação às cartas trocadas entre o primeiro casal, e realizamos o mesmo processo com o segundo casal, a missivista feminina 2 e o missivista masculino 2.

2.1. O CORPUS

O nosso *corpus* de análise é composto por 120 cartas pessoais trocadas entre dois casais não ilustres do Serão do Pajeú em meados do século XX, especificamente entre 1956 a 1977. Das 120 cartas, 22 pertencem ao primeiro casal e são dos anos 50 e 98 missivas pertencem ao segundo casal e foram produzidas nos anos 70.

Estes manuscritos são constituintes do corpus do projeto intitulado Banco Informatizado de Textos (BIT): a construção de um corpus de manuscritos e impressos pernambucanos do século XVIII, XIX e XX, disponível na plataforma digital do Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc) que é coordenado pelo Prof. Dr. Cleber Ataíde. As cartas foram enumeradas de 1 a 120, consoante a ordem de disposição na qual estão na plataforma digital.

É válido ressaltar que os fatores extralinguísticos não foram selecionados na nossa pesquisa, tendo em vista as limitações do corpus. Por outro lado, na análise consideramos o perfil dos escreventes em relação ao local de origem, já que, essa localidade dos missivistas pernambucanos é divergente dos locais de produções de corpus no estado de Pernambuco.

Além disso, é importante mencionar que a quantificação dos dados foi realizada de maneira manual, em outras palavras, selecionamos todos os contextos de aparição do pronome *me*, calculamos e categorizamos as funções e ocorrências do clítico em posição pré-verbal ou pós-verbal.

O seguinte procedimento foi realizado com esse material: selecionamos e analisamos as ocorrências nas missivas de acordo com os contextos linguísticos em que aparecem, totalizando 246 ocorrências nas quais o pronome *me* estava presente, observando que, das 120 cartas, somente em 28 missivas o nosso objeto de estudo não se manifestou.

Ademais, em seguida, classificamos as ocorrências da forma pronominal *me* segundo as definições de Paviani (2004), em categorias gramaticais: dativo de interesse, dativo de posse, dativo ético e outros que não se encaixam nas subcategorias mencionadas nesse trabalho. Além disso, acrescentamos o caso acusativo à classificação para a categorização dos dados. Posteriormente, a partir dessa subclassificação, analisamos o clítico *me* em posição anteposta e posposta ao verbo, para observar se há alguma relação entre o tipo de verbo e a colocação do pronome.

2.2. O LOCAL

A comunidade linguística em que o material foi coletado é um dos municípios brasileiros do estado de Pernambuco, Triunfo, localizado no topo da Serra da Baixa Verde, ficando a cerca de 405 quilômetros de Recife, capital do estado. Consoante dados referentes a 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população é composta por 15.221 habitantes.

Em relação à história da cidade, Triunfo, inicialmente nomeado de Baixa Verde, teve como seus primeiros habitantes os índios Cariris da nação Tapuia, por volta do século XIX, com a chegada de um missionário italiano, Frei Vital da Penha, em uma missão de catequização, o terreno recebeu um aldeamento para servir de morada aos índios que vieram com o frei. A partir disso, com a chegada de outros membros da igreja e clima favorável para plantio na cidade, o que atraía mais pessoas, Triunfo foi se consolidando e em 1870 o povoado ganha status de vila, mas, instala-se de fato em 1872.

No tocante ao Sítio Brejinho, zona rural do município de Triunfo na qual boa parte das cartas foram produzidas e local de origem do primeiro casal de missivistas, existem poucas informações acerca dessa comunidade. Conforme o censo do IBGE/2010 existem 100 endereços dessa localidade, dos quais 55 são domicílios particulares, 41 estabelecimentos agropecuários e 4 são estabelecimentos com outras

finalidades, como comercial e religiosa. Além disso, Brejinho tem aproximadamente 212 habitantes.

2.3. OS MISSIVISTAS

Nesta subseção, discorreremos sobre o perfil social dos missivistas, por meio de informações cedidas por Lima (2016) e Ataíde (2016) a respeito do primeiro casal, dados obtidos a partir de um questionário sociolinguístico utilizado por Almeida (2014), em uma pesquisa para alcance do título de Doutora em Língua e Cultura.

A **Missivista Feminina 1**: escrevente, nascida no ano de 1940, era filha do ex-vereador do município de Triunfo e irmã do ex-prefeito desta mesma cidade, nos anos 70/80. Sua ocupação profissional era limitada apenas às atividades domésticas cotidianas, à confecção de roupas para membros de sua família e, por um curto período de tempo, passou a redigir escrituras de terras e testamentos para a população local da zona rural, do município de Triunfo - Pernambuco. No tocante ao seu grau de escolaridade, a missivista tinha apenas o Ensino Fundamental 1.

O **Missivista Masculino 1**: agricultor e tirador de trempe, uma função designada para quem trabalha no processo de cozimento da rapadura no engenho de produção artesanal. 21 cartas, que datam do período de 1956-1958, foram narradas por ele para seu amigo redator. O missivista narrador não tem nenhum grau de escolaridade, alfabetização ou letramento, dessa maneira, a escrita foi por ele delegada.

O **Missivista Redator 1**: ocupou o cargo de presidente do sindicato dos trabalhadores rurais do município de Triunfo - PE, trabalhou como cozinheiro de rapadura, agricultor e professor, docente que ensinava somente para homens. O referente missivista não tinha formação de nível superior para exercer a profissão de docente, mas era considerado um dos grandes sábios daquela região já que era um dos poucos letrados da região em sua época. Este, por sua vez, foi responsável pela escrita das missivas narradas pelo missivista masculino 1.

Em relação ao segundo casal, a missivista feminina 2 e o missivista masculino 2, os dados coletados estão disponíveis no Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc), no Banco Informatizado de Textos: Cartas particulares.

A **Missivista Feminina 2**: A escrevente nasceu no dia 25/10/1952, na zona rural do município de Triunfo, interior do Estado de Pernambuco. Teve formação superior

(1997) em Biologia com complementação em Matemática. Na infância, antes de aprender o domínio da prática de leitura e escrita, já se sentia motivada para tal, já que, nas horas de diversão, era comum o contato com jornais, livros e demais suportes e gêneros textuais que circulavam no contexto sócio-histórico cultural local da época. A informante afirma que foi autodidata no processo de alfabetização, por consequência dessa exposição frequente a materiais de natureza impressa e manuscrita. Em 1957, ingressou em uma escola pública regular, estabelecida na sua comunidade rural. Frequentou a instituição até a 4ª série do Ensino Fundamental e, logo após esse período, parou seus estudos por cinco anos retomando-os em 1969, já então matriculada no Colégio Stella Maris. A supracitada instituição de ensino privado situava-se na região central do município de Triunfo (PE) e ficou –tradicionalmente– conhecida por seu projeto-político pedagógico planejado, aplicado e avaliado por Freiras e Madres de naturalidade alemã. A unidade escolar delimitava seu atendimento ao público feminino e funcionou, por um determinado período de tempo, como internato. Anos mais tarde (1976), a escrevente formou-se no Ensino Médio. Segundo a escrevente, o relacionamento com o destinatário de suas cartas teve início em 1º de janeiro de 1972, e, subsequentemente, casaram-se em 1º de julho de 1978.

O Missivista Masculino 2: O informante nasceu no dia 25/04/1954, no Estado de Pernambuco, município de Floresta. Residiu até os 17 anos na fazenda Porção, zona rural da comuna. Lá, estudou da primeira à quarta série do ensino regular, depois iniciou um supletivo já no município de Triunfo (PE) para concluir o ciclo do fundamental 2. Terminada esta etapa de sua escolarização, ingressou no Ensino Médio (antigo 2º grau) na mesma cidade supracitada. Em meados desse período, mudou-se para a comuna de Custódia (PE), onde trabalhou por um tempo em um bar com seu irmão. Por lá, reiniciou seus estudos (Ensino Médio Supletivo) dando posterior continuidade na cidade de Arcoverde, agreste pernambucano. Já residindo neste município, ingressou na carreira militar e deu continuidade a seus estudos até o ano de 1977, quando foi transferido para Salgueiro e ficou impossibilitado de concluir e restante de sua escolarização.

Como pode ser observado, em relação ao primeiro casal, a escrevente feminina 1 possui um baixo grau de escolaridade, porém, exercia algumas atividades importantes de escrita para a população da sua cidade, como a elaboração de escrituras de terras e testamento, e, em relação ao missivista redator¹, mesmo não tendo uma informação exata sobre qual o seu grau de escolaridade, há a afirmativa de que esse redator não

possuía ensino superior, mas, exercia a profissão de professor na sua região, por ser um dos poucos que eram letrados. O missivista redator foi necessário, tendo em vista que o missivista masculino¹ não tinha nenhum grau de escolaridade.

Ademais, para a análise dos dados, deve-se levar em consideração que das 22 cartas trocadas entre o primeiro casal, apenas 1 carta foi escrita pela missivista feminina¹ e 21 cartas foram redigidas pelo missivista redator 1, para o missivista masculino¹, pois este não era alfabetizado, configurando esse ato como escrita delegada.

Em relação ao segundo casal, percebemos que a missivista feminina 2 possui um alto grau de escolarização, pois possui o ensino superior, já o missivista masculino 2 não concluiu o ensino médio e ao estudar não estava matriculado no ensino regular, mas sim, supletivo.

2.4. VALIDAÇÃO DO CORPUS

Tomamos como base os trabalhos de Lima (2018) e Silva (2019), que realizam investigações com o mesmo *corpus* utilizado nesta pesquisa, porém a partir de um recorte divergente e no estudo de outros fenômenos. Vale salientar, que Silva (2019) discorre sobre problemáticas interessantes em relação ao material linguístico analisado, problemas comuns em uma investigação histórica, a saber: o caráter pouco autêntico dos dados, devido às condições de produção, caráter fragmentado dos dados, visto que são meros fragmentos de *corpora* mais amplos, falta de representatividade, pois, os dados, muitas vezes, são desiguais, problema da validade histórica e social, dado que as perspectivas, valoração e caracterização que fazemos da nossa realidade são diversas daquela realizada no passado, e autoria, já que há escrita delegada e ela pode sofrer influências do redator.

A autora também observa que a sociolinguística histórica deve fazer o melhor uso desses dados e que as problemáticas observadas não impossibilitam a pesquisa e validade dos dados, desde que o Princípio do Uniformitarismo linguístico seja utilizado, de maneira moderada, para que não se crie um anacronismo. Salientando que o material investigado pode apresentar diversas limitações, porém, a análise de caráter qualitativo pode fornecer informações relevantes sobre o fenômeno estudado.

É importante evidenciar que a autora destaca a relevância de trabalhar com um material escrito e com o gênero carta de amor como objeto de investigação, pois, esse material possibilita o estudo histórico, já que em sua composição há data, remetente,

destinatário e local, assim como proporciona uma proximidade comunicativa e apresenta traços de oralidade, possuindo meio de realização gráfica e concepção falada. Dessa forma, o material investigado está próximo ao contínuo da proximidade comunicativa, algo que possibilita a ocorrência do fenômeno da variação linguística.

Tendo isso em vista, acreditamos que as problemáticas relacionadas à validação do corpus não diminuem sua relevância e informações pertinentes alçadas. Além disso, a partir dos pressupostos defendidos por Faraco (2005) a respeito da Linguística Histórica, utilização e validação de materiais escritos, consideramos que o material analisado é uma possível fonte de fenômenos que passaram por eventuais variações e mudanças, pois a escrita, por ser mais duradoura que a fala, permitiu ao longo da história o uso e o desenvolvimento de recursos sintáticos, como sentenças longas contendo sucessivas intercalações de outras sentenças, dentre outras peculiaridades.

SEÇÃO III

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos o resultado da nossa investigação sobre o uso do pronome *me* em cartas pessoais do Sertão do Pajeú, de 1956 a 1977. Para isso, as seguintes subseções são apresentadas: como se manifesta o caso dativo no corpus, a função de acusativo e a colocação pronominal.

3.1. COMO SE MANIFESTA O CASO DATIVO NO CORPUS?

Na análise dos dados encontramos o seguinte resultado, que foi de encontro a nossa hipótese inicial de encontrar o pronome *me*, predominantemente, na categorização de dativo e, possivelmente, como um pronome enfático:

Quadro 4: Resultados da pesquisa

Me	Proclítico	Enclítico	Total
Acusativo	74	40	114
Dativo de interesse	36	20	56
Dativo de posse	0	0	0
Dativo ético	0	0	0
Outros	41	35	76
Total	151	95	246

Fonte: a autora

Como pode ser observado, na análise dos dados foram computadas 114 classificações do pronome *me* como acusativo, assim, se configurando como a categorização predominante nos dados. Em seguida, vem a recorrência de outras classificações que não se encaixam nas selecionadas para categorização do objeto de estudo investigado, com 76 ocorrências. Posteriormente, o dativo surge com a menor recorrência, se classificando como dativo de interesse, apresentando 56 casos. Por fim, o pronome *me* no corpus investigado não se manifestou nas categorias de dativos de posse e ético.

Dessa maneira, os dados apresentados não corresponderam à hipótese inicial da nossa pesquisa e apenas o dativo de interesse se manifestou na investigação. Alguns excertos do corpus que apresentam o pronome *me* como dativo de interesse:

- (15) Se tinha me avisado à mais tempo. (Missivista Redator 1, 1956, Carta 04)
- (16) Como me pediste para escrever. (Missivista Feminina 2, 1975, Carta 61)
- (17) Socorro veio dar-me a notícia. (Missivista Feminina 2, 1976, Carta 100)

Vale salientar que para a realização desse trabalho, partimos de alguns pressupostos e categorizações presentes na obra *O PRONOME ÉTICO: UMA CARACTERÍSTICA DIALETAL* da escritora Paviani (2004), como já mencionado. Esta obra que investiga o uso do pronome *me* do português falado no Nordeste do Rio Grande do Sul, região colonizada por imigrantes italianos, particularmente, Nova Roma, distrito do Município de Flores da Cunha. Como resultado dessa pesquisa a autora identifica o pronome *me* enfático como característico do português falado em região colonizada por italianos.

O mesmo resultado não é encontrado no nosso trabalho, como pode ser observado por meio do quadro, pois a zona rural do município de Triunfo-Pernambuco é uma região que conta com a presença de alemães na constituição da população e o pronome *me* ético é uma característica dialetal de regiões de colonização italiana, com falantes bilíngues, investigação comprovada através dos levantamentos de Paviani (2004), por meio de análises estatísticas, segundo o modelo de Labov, nos quais os dados eram categorizados como classes de dativos, partindo da hipótese de que a partir dessa classificação seria possível observar melhor o uso do *me* de forma particular.

Não encontrarmos nos nossos dados manifestações dos dativos ético e de posse, pode ser justificado, devido às particularidades dessas categorias, que são bastante específicas, fazendo parte de um desmembramento do dativo de interesse. Esse procedimento foi realizado, como alça a autora Paviani (2004), para categorizar os dados com por meio de uma classificação pragmática.

3.2. POSIÇÃO DE ACUSATIVO

Como apresentado na tabela anterior, na análise dos dados obtivemos um resultado oposto ao esperado, assim, indo de encontro à hipótese de encontrar o pronome *me* como uma característica dialetal da escrita na região investigada, já que, partindo dos pressupostos defendidos por gramáticas a respeito da classificação do pronome *me* e segundo a revisão histórica realizada por Paviani (2004), o pronome *me*, embora possa ter a função de objeto direto, está, predominantemente, ligado à função de objeto indireto, correspondendo ao caso dativo da língua latina e grega.

Como mostra a tabela, majoritariamente, o pronome *me* se manifesta no corpus no caso acusativo, ou seja, como objeto direto pedido pelo verbo, visto que, das 246 ocorrências registradas, 114 foram do caso acusativo, o que demonstra uma alta predileção dessa categoria. Excertos dos dados que apresentam essa classificação do pronome *me* como caso acusativo:

- (18) Este o motivo que levou-*me* a escrever-te. (Missivista Feminina 2, 1975, Carta 55)
- (19) Tua simpatia *me* domina. (Missivista Redator 1, 1956, Carta 01)
- (20) sabendo que você não | *me* ama. (Missivista Redator 1, 1956, Carta 01)
- (21) Foi este o| motivo que levou-*me* a tarde com ela. (Missivista Masculino 2, 1972, Carta 16)

Ressaltando, que há uma predição, ou melhor, representatividade de determinados verbos transitivos diretos, na categorização do caso acusativo, como pode ser analisado no quadro abaixo, relacionando a recorrência do verbo com a quantidade de frases que foram constatadas em cada caso:

Quadro 5: Verbos mais representativos do acusativo, dativo de interesse e outras categorias

Acusativo	Dativo de interesse	Outros
Levar: 9 vezes	Falar: 6	Sentir: 8 vezes
Amar: 8 vezes	Pedir: 8	Despedir: 8 vezes
Sobre: 114 frases	56 frases	76 frases

Fonte: a autora

Assim, por meio desse quadro, pode-se constatar a predileção dos verbos levar e amar, na colocação do caso acusativo, bem como, dos verbos falar e pedir no caso do dativo de interesse e sentir e despedir em outras classificações, precisamente, na função reflexiva. Estes verbos são representativos na medida em que são os mais recorrentes nas frases selecionadas. Alguns excertos que se manifestam no corpus, apresentando o pronome *me* em outras categorias, precisamente em função reflexiva:

- (22) Eu não posso *me* casar agora. (Missivista Feminina 2, 1975, Carta 51)
- (23) Para explicar como *me* sinto. (Missivista Feminina 2, 1975, Carta 78)

(24) Eu fiz plano de confessar-*me* para fazer uma comunhão domingo.

(Missivista Redator 1, 1958, Carta 12)

(25) Despeço-*me*. (Missivista Feminina 2, 1972, Carta 16)

3.3. COLOCAÇÃO PRONOMINAL NO CORPUS

Nesta subseção, alçamos que a colocação do clítico *me*, a partir dos resultados apresentados na investigação do corpus, corroboram com apontamentos alçados pelos teóricos Martins (2012) e Paviani (2004), visto que é nítida a predileção da posição pré-verbal do pronome *me* nos dados levantados na pesquisa, uma vez que, das 246 ocorrências, 151 foram proclíticas e 95 enclíticas, conforme apresenta o quadro a seguir:

Quadro 6: Colocação pronominal

Função	Proclítico	Enclítico	Total
Acusativo	74	40	114
Reflexivo	41	35	76
Dativo	36	20	56
Total	151	95	246

Fonte: a autora

Alguns excertos do corpus que apresentam o clítico *me* em posição proclítica, a colocação pronominal mais recorrente no conjunto de dados linguísticos coletados, na função de acusativo, reflexivo e dativo, respectivamente:

(26) Tua simpatia *me* domina. (Missivista Redator 1, 1956, Carta 01)

(27) Acho que como *me* sinto talvez | seja até inesplicável. (Missivista Feminina 2, 1975, Carta 78)

(28) Parece *me* falar de amor. (Missivista Feminina 2, 1977, Carta 120)

Como coloca Martins (2012) em suas investigações teóricas a respeito dos fenômenos de ênclise e próclise nas gramáticas do português que, por meio de análises de padrões empíricos de colocação dos clíticos, apresentando a sintaxe de ordenação do pronome, em textos brasileiros dos séculos 18 a 20 há variação próclise/ênclise, porém, há um aumento progressivo da próclise. Dessa forma, por apresentarmos nessa pesquisa dados do século 20, corroboramos com essa asserção.

Com os nossos dados, vamos ao encontro do que é alçado por Paviani (2004) a respeito da colocação do pronome *me*, posto que a autora apresenta informações em sua pesquisa sobre o objeto de estudo dessa pesquisa, que afirmam a predileção pelo uso da próclise nos textos escritos, dialogando com o que é levantado por gramáticos como Sail Ali (1966), e linguistas como Mattoso Câmara Jr. (1968) e José L. Monteiro (1988), que afirmam que há uma tendência para o emprego proclítico dos pronomes átonos, por questões de oralidade da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise de 120 cartas pessoais, trocadas entre dois casais do Sertão do Pajeú, entre 1956 a 1977, foram registradas 246 ocorrências do pronome *me* no corpus investigado, registrando com maior recorrência o caso acusativo em posição pré-verbal. Em relação a essa categorização, indo de encontro ao que é alçado por gramáticas a respeito da classificação do pronome *me* e segundo a revisão histórica realizada por Paviani (2004), uma vez que o pronome *me*, mesmo que possa ter a função de objeto direto, está, predominantemente, ligado à função de objeto indireto, correspondendo ao caso dativo da língua latina e grega, segundo gramáticos e estudiosos da língua. Nossa pesquisa, por mais que seja limitada, devido ao recorte que é realizado, vai de encontro a esse pressuposto.

Além disso, em relação à posição do clítico *me* no corpus investigado, há um diálogo com o que é levantado pelos teóricos utilizados como fundamentação teórica do nosso trabalho, Martins (2012) e Paviani (2004), ao afirmarem que há uma predileção do uso dos clíticos do português brasileiro em posição pré-verbal, uma vez que, das 246 ocorrências registradas, 114 foram computadas como proclíticas.

Assim, esse estudo pretende contribuir, mesmo tendo em mente as suas limitações, ao não apresentar um estudo exaustivo, com o levantamento desses dados para descrição do português brasileiro, precisamente, do uso e colocação do pronome *me* na região investigada, com o intuito de colaborar com futuras pesquisas que possam vir a serem feitas sobre o objeto dessa investigação e a região estudada.

É válido ressaltar, para investigações futuras, que pretendendo ampliar o escopo de investigação, ao apresentar um quadro comparativo sobre a colocação do pronome *me* em duas regiões do Sertão, Pernambuco e Bahia, por meio do estudo de cartas pessoais.

REFERÊNCIAS

ATAÍDE, Cleber; LIMA, Tallys. **Corpus do Sertão do Pajeú do Laboratório de Documentação Linguística de Pernambuco**. 2016. Disponível em: <http://www.ledoc.com.br/documento>. Acesso em: 18 de ago. de 2019.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CARVALHO, Dannel. **A estrutura interna dos pronomes pessoais em Português Brasileiro**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2008.

CARVALHO, Dannel; BRITO, Dorothy. **Pronomes: morfossintaxe e semântica**. Salvador: EDUFBA, 2018.

CEGALLA, Domingos. **Nova minigramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

FARACO, Carlos. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo histórico das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GALVES, Charllote; ABAURRE, Maria. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, A. e BASÍLIO M. (Orgs). **Gramática do Português Falado**. Vol IV. Estudos Descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP. 2002. p. 267-313. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/pesquisa/artigos/ABAURRE_MBetalFase1a.pdf. Acesso em: 18 ago. 2019.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, Tallys. **“Maria eu observei nas palavras que mandastes dizer na carta que tu ainda duvidasdo meu amor, mas você não tem razão de assim se expressar”**: a variação dos pronomes pessoais *Tu* e *Você* em cartas de amor rurais do sertão pernambucano. 2018. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, campus Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Pernambuco 2018.

MARTINS, Marcos. **A colocação de pronomes clíticos na escrita brasileira: para o estudo das gramáticas do Português**. Natal: EDUFRN, 2012.

PAVIANI, Neires. **O pronome ético: uma característica dialetal**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

SILVA, Antonia. **As formas da função acusativa em cartas de amor do sertão pernambucano: entre variação e tradição discursiva**. 2019 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, campus Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Pernambuco 2019.

SILVA, Rodrigo Selmo da; ATAÍDE, Cleber. **Banco Informatizado de Textos:** Cartas particulares. Serra Talhada, 2017.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.